

# Acontecimentos persistentes que desafiam a cobertura jornalística: as relações entre HIV/Aids e homofobia<sup>1</sup>

Carlos Alberto de Carvalho

## **Introdução**

A quantidade de pesquisas sobre o jornalismo que parte dos critérios de noticiabilidade como via privilegiada para tentar compreender “por que as notícias são como são” (Sousa, 2002) revela, atualmente, mais do que um clichê de limitado valor heurístico para o esclarecimento das noções mais refinadas sobre a atividade jornalística. Estejam situados em variáveis como “proximidade”, “proeminência e/ou quantidade das pessoas envolvidas”, “raridade”, “escândalo” (Wolf, 1994; Sousa, 1999, dentre outros), os critérios de noticiabilidade constituem um conjunto nada original de pressuposições que garantem, como ponto de partida, as conclusões que inevitavelmente aparecerão ao final do percurso. Em outros termos, nada se acrescenta, a não ser, dependendo da criatividade de quem conduz a pesquisa, mais alguns itens para a já extensa lista do que levaria determinados acontecimentos a merecerem o *status* de notícia. A pobreza teórica e a limitação metodológica estão lado a lado com a incapacidade de fugir daquilo que nos parece, ademais, fruto do poder de agendamento das próprias mídias noticiosas sobre o que seria relevante pesquisar sobre elas e seus produtos e processos (Carvalho e Bruck, 2012).

Diante da constatação das limitações teóricas e metodológicas dos critérios de noticiabilidade para fazer frente a perguntas básicas sobre o que torna um acontecimento merecedor da cobertura jornalística, já de algum tempo temos investido na perspectiva de que a chave para novas respostas está na condição do jornalismo como ator social que negocia com outros atores sociais os sentidos do que é noticiado. O deslocamento que buscamos realizar está além da compreensão do que torna um

acontecimento noticiável, à medida que são necessários outros investimentos teóricos e renovados esforços metodológicos. Basicamente, temos nos voltado para as noções de narrativa – em suas interconexões com o tempo, a memória e o esquecimento – mas também pensadas como textualidades cujas complexidades e filigranas exigem ainda identificar como personagens são construídas e fontes são acionadas no processo de tessitura dos acontecimentos, dentre outras potencialidades investigativas.

Como temas de cobertura jornalística o HIV/Aids, a homofobia e as interconexões entre eles têm sido um objeto profícuo, à medida que nos permitem, a partir de acontecimentos problemáticos e problematizadores, melhor identificar as tensões que buscamos investigar. O cuidado sempre necessário é a vigilância para evitar esquemas simplificadores, sob pena de somente mudar o clichê – saindo dos critérios de noticiabilidade para, por exemplo, a taxonomia dos “gêneros” narrativos no jornalismo.

Neste artigo tomamos um conjunto de narrativas captadas entre janeiro de 2011 e janeiro de 2013 nos jornais impressos Estado de Minas (EM), O Globo e Folha de S. Paulo que tratam das interconexões entre HIV/Aids e homofobia como materialidade para algumas reflexões. Chamou-nos atenção como, mesmo depois de três décadas do surgimento do HIV/Aids fortemente associado aos homossexuais masculinos como “grupo de risco” e o recrudescimento da homofobia daí desencadeada (Carvalho, 2009) ainda encontramos número significativo de notícias nas quais – direta ou indiretamente – a Aids continua associada aos homossexuais masculinos e à homofobia. Pesquisas de outra natureza têm indicado que um dos maiores entraves para barrar a propagação do HIV entre homossexuais masculinos é justamente a homofobia (Pérez, 2010).

Metodologicamente construímos o artigo a partir de conceitos nucleadores acompanhados por gráficos que indicam as recorrências identificadas nas narrativas coletadas. Tomaremos alguns trechos das narrativas que nos sirvam de ilustração, a partir dos quais são feitos alguns aprofundamentos nas próprias bases teóricas.

### ***HIV/Aids e homofobia, acontecimentos persistentes***

Decorridas três décadas do surgimento público dos primeiros casos de Aids, inicialmente de alta letalidade e identificada como exclusiva de “grupos de risco” – homossexuais masculinos, prostitutas, usuários de drogas injetáveis, haitianos e hemofílicos –, com forte repercussão social e aumento da estigmatização dos primeiros da lista, é intrigante pensar o que faz com que este acontecimento permaneça como pauta praticamente diária das mais diversas mídias noticiosas. Em que pesem os muitos “acontecimentos derivados”, como a busca de uma vacina preventiva; campanhas de erradicação da propagação do vírus; novos medicamentos que compõem o coquetel que tem garantido a sobrevivência com qualidade de vida para

soropositivos; ações governamentais de distribuição de medicamentos, estes envolvidos em disputas comerciais sobre quebra de patentes; o envolvimento de ONG's em campanhas de esclarecimento; além de uma série de outros, era de se esperar que não somente o HIV/Aids tivesse presença discreta nas mídias jornalísticas, mas especialmente que as correlações entre a síndrome e a homofobia tivessem ficado no passado. O que detectamos, no entanto, vai em sentido inverso.

Antes da análise das narrativas, no entanto, é necessário identificarmos o que estamos denominando como “acontecimentos persistentes”, não somente pela permanência nas tramas noticiosas, mas especialmente porque mantêm seu poder de afetação individual e social. Nesse sentido, é o poder de afetação – implicando a dialética agir-sofrer – a noção determinante para compreendermos o que leva certos acontecimentos não somente a permanecerem por longo tempo em evidência, mas, sobretudo, assim continuarem pelo constante processo de disputas de sentido em torno das suas significações. Disputas de sentido que, nos parece, são essenciais para a compreensão das razões que fazem com que diversos acontecimentos mantenham atratividade longa para as coberturas jornalísticas.

Seguindo as proposições de Paul Ricoeur (1994; 1997), entendemos o poder de afetação de um acontecimento como a sua capacidade de ação sobre os indivíduos e sobre a vida social, processo que pressupõe também o inverso: o acontecimento não somente provoca deslocamentos nos cursos de vida e/ou na compreensão das próprias configurações individuais ou sociais, mas são também afetados a partir mesmo do seu poder de provocar transformações. Em síntese, os acontecimentos persistentes são exatamente essa modalidade que exige permanente interpretação, que continuam a provocar mudanças em seu entorno e em si mesmos. Em termos das proposições de Ricoeur, pedem permanentemente que sejam narrados – entendendo os processos de construção das tessituras narrativas como momentos privilegiados da indicação do que, em outra preocupação teórica, Louis Quéré (2005) chamou de acontecimentos problemáticos. Problemáticos não somente porque inscritos na dialética agir-sofrer, mas por sua forte dimensão hermenêutica: desafiam a compreensão sobre seus significados, como suas possíveis interconexões com acontecimentos passados, projeções possíveis sobre desencadeamentos futuros, exigindo o que o autor denomina de “enquete social”, que pode ser também entendida como a disputa em torno dos sentidos dos acontecimentos.

Desde o seu surgimento o HIV/Aids apresenta-se problemático para as ciências médicas e sociais, acionando um impressionante contingente de pesquisadores, recursos materiais e financeiros na busca, inicialmente, do agente causador, e posteriormente das possibilidades de cura ou ao menos controle da propagação do HIV e dos seus efeitos. Correlações com doenças estigmatizadoras do passado, como a hanseníase e a sífilis, não faltaram, como indica Susan Sontag (1989), e mesmo a remissão a doenças que anteriormente também foram identificadas como de inci-

dência exclusiva entre homossexuais masculinos (Blouin et al., 1987). Em seu poder de afetação o HIV/Aids continua desafiador, aciona o agir-sofrer por parte de comunidades médicas e científicas, de agentes da indústria farmacêutica, de governantes e de componentes de associações de defesas de soropositivos e de direitos humanos.

Nas narrativas que coletamos esse poder de afetação está presente o tempo todo, seja sob a forma mais direta de questionamentos sobre a capacidade de encontrar uma cura – a descoberta de uma vacina preventiva, por exemplo –, seja sobre como lidar com os estigmas e preconceitos ainda remanescentes. Por exemplo, o EM traz, sob o título *Mais perto da erradicação da Aids*, uma narrativa na qual são indicados números de infectados no mundo, a partir de dados do Programa Conjunto das Nações Unidas para HIV/Aids, informando que 2011 foi o “quinto ano seguido em que o número de mortes pela síndrome caiu” (Melo, 2012: 28). No mesmo texto são informados grupos mais vulneráveis ao contato com o HIV, como homens que fazem sexo com homens, merecendo um pequeno destaque ao lado do texto principal, no qual se lê, sob o subtítulo “definições distintas”:

O termo utilizado pela ONU tem uma definição diferente de homossexualidade. Enquanto homens que fazem sexo com homens inclui bissexuais, garotos de programa, atores pornô e heterossexuais que eventualmente se relacionam sexualmente com outros homens, o termo homossexual é uma definição de orientação sexual, ligada à afetividade (Melo, 2012: 28).

A necessidade de explicação do acontecimento HIV/Aids implica, como o exemplo indica, ir além das suas próprias marcas constitutivas e dos seus conflitos internos, exigindo ainda a compreensão de situações correlatas, como a definição de homens que fazem sexo com homens e homossexuais. Mais do que um dado derivado de pesquisas médicas e sociais o acionamento das definições aponta para a homofobia como um problema ainda persistente nas configurações do rol de questões suscitadas pelo HIV/Aids. Para além dessa narrativa, os três jornais trazem uma série de outras nas quais o que anteriormente chamamos de “acontecimentos derivados” deixam ver o poder hermenêutico do acontecimento HIV/Aids, acionando especialistas, agentes governamentais, ONG’s, ativistas de direitos humanos, celebridades, dentre outras fontes e personagens, na tentativa de elucidar o que está por trás da síndrome e das correlações com a homofobia. Ainda no que diz respeito à narrativa do EM, ela é paradigmática dos diversos desafios impostos pelo HIV/Aids na perspectiva do agir-sofrer: além da queda de infecções e dos grupos mais vulneráveis, como já destacado, o texto aborda sucessos e insucessos de governantes e organismos internacionais no combate ao HIV/Aids e suas consequências médicas e sociais.

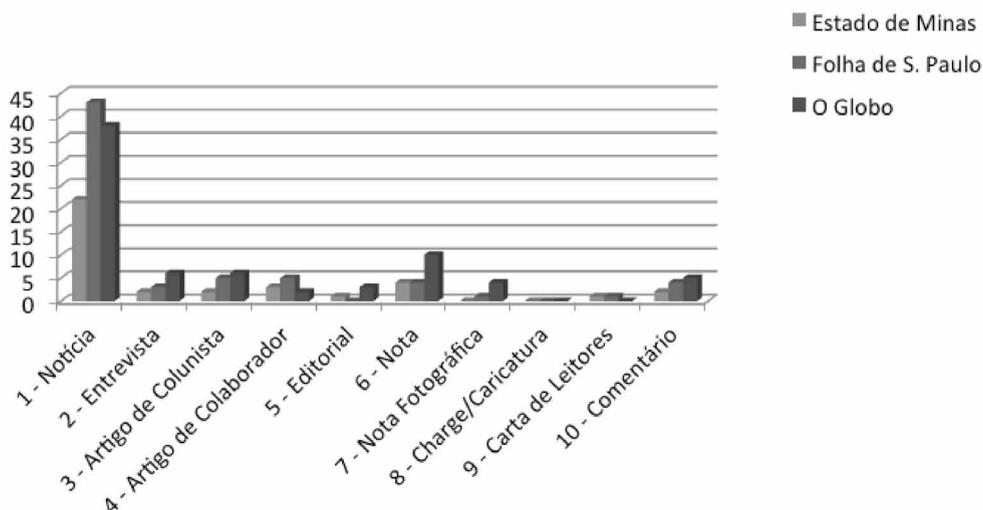
Encerramos este tópico com um gráfico com os totais de narrativas coletadas, com a separação por jornais e modalidades textuais. A coleta das narrativas deixou

de lado todas aquelas em que HIV/Aids apareciam sem conexões com a homofobia, assim como também o inverso. Nesse sentido, é importante lembrar que em separado tanto o HIV/Aids quanto a homofobia constituem acontecimentos relevantes para pesquisas acerca das coberturas jornalísticas (Carvalho, 2009; Mídia e homofobia, 2008; Carvalho, 2012; Leal e Carvalho, 2012).

O jornal que mais deu destaque às correlações entre HIV/Aids e homofobia no período da pesquisa foi O Globo (74 narrativas), seguido de perto pela Folha (66 narrativas), com o EM bem abaixo (37 narrativas). Não nos preocupamos inicialmente em identificar as razões dessas diferenças, que constituem por si só uma pesquisa. Do mesmo modo também não nos preocupamos em identificar as razões que levaram aos números totais de modalidades narrativas encontradas nos jornais: Notícia (38 n' O Globo; 43 na Folha e 22 no EM), Entrevista (6 n' O Globo; 3 na Folha e 2 no EM), Artigo de colunista (6 n' O Globo; 5 na Folha e 2 no EM), Artigo de colaborador externo (2 n' O Globo; 5 na Folha e 3 no EM), Editorial (3 n' O Globo; 1 na Folha e 0 no EM), Nota (10 n' O Globo; 4 na Folha e 4 no EM), Nota fotográfica (4 n' O Globo; 1 na Folha e 0 no EM), Charge/Caricatura (sem aparição nos três jornais), Carta de leitores (0 n' O Globo; 1 na Folha e 1 no EM) e Comentários (5 n' O Globo; 4 na Folha e 2 no EM).

### Gráfico 1

Total de narrativas identificadas



Fonte: Pesquisa nos jornais Estado de Minas, O Globo e Folha de S. Paulo, de janeiro de 2011 a janeiro de 2013.

Coletadas ao longo de dois anos, a quantidade de narrativas que interconectam HIV/Aids e homofobia é ilustrativa da perspectiva dos acontecimentos persistentes, especialmente pelo fato de estarmos diante de acontecimentos de forte impacto médico-científico e social, com as particularidades que envolvem a homofobia como grave questão a ser coletivamente enfrentada.

### **Interconexões entre HIV/Aids e homofobia**

Entendida como forma de preconceito contra homossexuais e/ou pessoas assim identificadas, a homofobia não se restringe aos rechaços de ordem social ou psicológica, manifestando-se sob a forma de violências físicas e simbólicas que alcançam níveis de crueldade em assassinatos e variadas expressões de injúria. Assentada na pressuposição da heterossexualidade como norma, a homofobia hierarquiza as pessoas segundo falsos princípios de normalidade dos desejos e afetos e tem um forte componente misógino, expresso, por exemplo, em xingamentos como “mulherzinha” dirigidos a homossexuais masculinos, especialmente quando identificados com a passividade nas relações sexuais, atributo que a cultura misógina reserva às mulheres. Em outros termos, a hierarquização proposta pela heteronormatividade compulsória parte da pressuposição das mulheres como inferiores aos homens, motivo que leva a rebaixamento ainda mais profundo de homossexuais masculinos, em vastas perspectivas culturais identificados como quem gostaria de ser mulher. As noções de sexualidade que orientam a homofobia, ademais, estão enraizadas na perspectiva exclusivamente biológica do sexo, coerente com a noção restrita da prática sexual para fins de procriação (Borillo, 2001; Eribon, 2008; Mídia e homofobia, 2008; Carvalho, 2012; Leal e Carvalho, 2012).

Embora seja muito anterior ao surgimento do HIV/Aids, a homofobia talvez, em nenhum outro momento histórico, tenha sido tão fortemente associada a uma doença, provocando pânico entre homossexuais masculinos, pelo temor da morte e pelo recrudescimento dos preconceitos, potencializados pela ideia de corpo impuro, dadas as características de transformações físicas impostas pela Aids em seus primeiros momentos, quando não havia tratamentos eficazes disponíveis. Além da ideia equivocada, e ainda hoje parte do repertório de alguns setores conservadores e ignorantes da sociedade, de que a própria homossexualidade seria uma doença, a homofobia também tem sido erroneamente classificada por algumas pessoas como doença. Este equívoco não somente impede a percepção sobre sua construção social associada a discursos religiosos, pedagógicos, médicos e científicos, dentre outros, com matizes variáveis ao longo da história, como ainda sugere que haveria uma possível cura, não por acaso, também proposta por equivocados em relação à homossexualidade. Desse modo, entendemos a homofobia como um poderoso dispositivo de poder ligado à sexualidade (Foucault, 1999; 2005; 2006), que deve

ser combatida pela transformação cultural e comportamental, chamando atenção especialmente para os danos que ela causa às suas vítimas reais e potenciais (por exemplo, pessoas identificadas como homossexuais pelos gestos de carinho, como pai e filho espancados no interior de São Paulo por estarem abraçados, conforme amplamente noticiado em tempos não muito distantes).

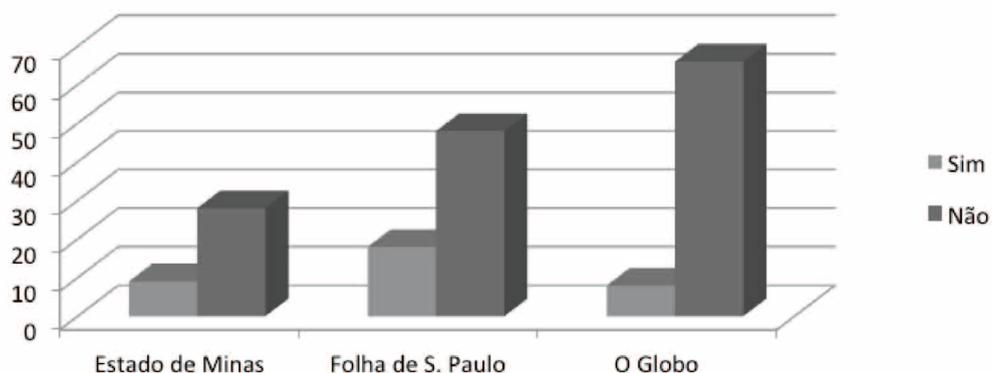
O gráfico 2 indica que as narrativas da coleta, em sua maioria, fazem referências indiretas à homofobia: (66 n’O Globo, 48 na Folha e 28 no EM). De forma direta HIV/Aids e homofobia aparecem em 8 narrativas n’O Globo, 18 na Folha e 9 no EM. A distinção entre os modos de aparição das correlações entre HIV/Aids e homofobia é importante por indicar certa dificuldade em associar a expansão do HIV/Aids entre homossexuais e homens que fazem sexo com homens como componente das consequências da homofobia por parte dos jornais pesquisados. Exemplo é a narrativa “Aids dispara entre gays do Oriente Médio”, publicada pela Folha, que negligencia o fato de estar no Oriente Médio parte importante de países que criminalizam a homossexualidade, dificultando, conseqüentemente, campanhas preventivas dirigidas especificamente a este público.

A separação, por outro lado, resultou de um cuidado metodológico na coleta das narrativas: somente um pesquisador com memória do período de surgimento da Aids seria capaz, por exemplo, de identificar em uma nota como a publicada pela Folha, sob o título “Cazuza Mercury”, que começa informando que “A ONG inglesa mantida pela família de Freddie Mercury, que cuida de pessoas que têm HIV, decidiu apoiar financeiramente a Sociedade Viva Cazuza no Brasil” (Bergamo, 2011: E2), indícios das interconexões entre HIV/Aids e homofobia. Na mesma linha, encontramos notas fotográficas (fotos acompanhadas somente de legenda) ou notas acompanhadas de fotografias com remissões ao bigode de Freddie Mercury como parte de campanha em prol de ONG’s de combate ao HIV/Aids, como a publicada pelo O Globo, com o título “Força no bigode” (Santos, 2011: 5), que mostra foto da atriz Bruna Lombardi usando um bigode falso. A propósito, somente o EM não cita a campanha, provavelmente por ela ter ficado restrita a artistas identificados com as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Os cantores Freddie Mercury e Cazuza foram das primeiras celebridades a exporem sua homossexualidade publicamente, assim como a condição de soropositivos.

Constituindo a maioria das narrativas coletadas, as matérias que relacionam indiretamente HIV/Aids e homofobia, nos parece, apontam, além da já referida dificuldade dos jornais em tratar mais diretamente o tema – não necessariamente por uma atitude homofóbica, mas também provavelmente por falta de maior critério na apuração dos dados constitutivos do texto e na quantidade limitada de fontes acionadas –, que o jornalismo se inscreve nas mesmas limitações de todas as modalidades narrativas. Isso implica, como afirma Paul Ricoeur (2007), que nenhuma narrativa será capaz de descrever integralmente os acontecimentos dos quais se ocupam, pelas

## Gráfico 2

*Narrativas que relacionam diretamente HIV/AIDS e homofobia*



Fonte: Pesquisa nos jornais Estado de Minas, O Globo e Folha de S. Paulo, de janeiro de 2011 a janeiro de 2013

dificuldades de memória, implicando esquecimentos voluntários e involuntários, bem como pela seletividade de ações dentro de um acontecimento, incluindo aí marcas culturais e ideológicas de orientação sobre o que e como narrar.

Dentre as narrativas que relacionam diretamente HIV/Aids e homofobia chama atenção que dois dos três editoriais d' O Globo detectados ao longo da coleta tratam dessa problemática, o que nos indica o jornal como um ator social engajado na denúncia dos danos da homofobia ao combate ao HIV. Publicado em 30 de novembro de 2011, o editorial "Controle da Aids deve ser permanente" afirma que:

Mas, na questão do crescimento da Aids entre jovens gays, misturam-se aspectos comportamentais e falhas na política pública de prevenção. Esta geração não viveu os primeiros e apavorantes anos de disseminação, até então sem controle, de uma doença que, na época, registrava altíssimo grau de letalidade quase imediata, e sequer foi testemunha das ações de luta contra a Aids nos anos 90, observa o ministro da Saúde (O Globo, 2011: 6).

Além da preocupação com os danos específicos a homossexuais, o editorial aponta ainda para outro importante aspecto que tem chamado nossa atenção quando da investigação sobre a persistência de certos acontecimentos em seu poder de afetação e cobertura jornalística, qual seja, o problema da memória em sua dialética correlação com o esquecimento (Ricoeur, 2007). Trata-se, do ponto de vista da inteligibilidade das narrativas, de compreender como as tessituras, as armações da intriga, implicam mais do que recorrer a testemunhos que contem de um passado

e/ou projetem um futuro. Há que se considerar também que a dialética memória/esquecimento integra uma das forças centrais nos processos de criação narrativa, acionando o tempo como componente central de todo processo, como Ricoeur (1994; 1995; 1997) trabalha em outro momento, ao afirmar que as narrativas seriam espécies de “guardiãs do tempo”, aquilo que “humaniza o tempo”, diante da impossibilidade de defini-lo com exatidão, no que o autor denomina como uma aporia irremediável de todas as nossas relações e concepções temporais. Voltaremos ao problema da memória ainda neste tópico.

Em outro editorial, “Boas e más notícias no controle da Aids”, O Globo é ainda mais direto ao apontar a homofobia como entrave à prevenção e combate ao HIV/Aids:

Para manter a Aids sob controle, ainda há muito o que fazer no campo dos investimentos (por exemplo, aumentar os financiamentos dos países ricos para pesquisas e tratamento, um problema num cenário de crise global) e do comportamento (combater, entre outras coisas, a ignorância, a homofobia e o preconceito em relação às vítimas da doença) (O Globo, 2012: 14).

Como já indicamos, estudos em outras perspectivas teóricas e metodológicas das aqui adotadas têm indicado o quanto a homofobia – com suas hierarquizações – tem sido um fator de impacto para a propagação do HIV/Aids entre homossexuais, especialmente jovens. Este quadro reverte tendência que se verificou nos primeiros anos da síndrome, quando foram os grupos de homossexuais masculinos os primeiros a se engajarem em campanhas preventivas, diminuindo à época, de forma significativa, a propagação do HIV entre eles. Importante também é destacar que o tratamento mais direto das conexões entre HIV/Aids e homofobia nas narrativas que compõem nosso recorte se deu especialmente a partir de agentes governamentais, como ministros de saúde, representantes de organismos internacionais ligados ao combate ao HIV/Aids e médicos, revelando-os como atores sociais importantes para a manutenção dessa problemática como pauta jornalística. Nos marcos das nossas reflexões, constituem agentes fundamentais nos processos de resignificação do HIV/Aids e homofobia como acontecimentos persistentes e de grande poder de afetação.

Às vezes com possíveis vieses moralistas (na sugestão de promiscuidade sexual, por exemplo), a lembrança do passado do HIV/Aids como importante na correlação – direta ou indireta – com a homofobia constitui elemento fundamental para nossa perspectiva dos modos como as narrativas jornalísticas sobre o tema são tecidas. Desse modo, em complemento à dialética memória/esquecimento, nota-se o que Paul Ricoeur (2007) sugere como “obrigação de memória” como elemento que articula boa parte dos textos nos quais a referência ao HIV/Aids é direta – mas não

somente neles. Antes de lidarmos com narrativas do nosso recorte é fundamental entender como Ricoeur, ao situar os problemas dos “abusos da memória e abusos do esquecimento” nos auxilia teoricamente:

De um lado, temos diariamente a experiência da erosão da memória e acrescentamos essa experiência à do envelhecimento, da aproximação da morte. Essa erosão contribui para essa tristeza que eu chamava, antigamente, de “tristeza do acabado”. Ela tem por horizonte a perda definitiva da memória, a morte anunciada das lembranças. De outro lado, conhecemos as pequenas felicidades do retorno, às vezes inopinado, de lembranças que acreditávamos perdidas para sempre. Então precisamos dizer, como já dissemos uma vez acima, que esquecemos muito menos coisas do que acreditamos ou tememos (Ricoeur, 2007: 448).

Além de melhor esclarecer a dialética memória/esquecimento, o trecho nos permite entender como uma certa “obrigação de memória” é recorrente em algumas narrativas da nossa coleta. Se elas também lidam com a perspectiva da morte, não se trata exatamente da morte “naturalmente ocorrida” ou mesmo metafórica, pelo fato de perdermos um pouco de nossa história a cada esquecimento, mas da possibilidade concreta de morrer em consequência de uma doença que, embora mantida sob controle com medicação, não tem ainda uma forma preventiva por meio medicamentoso. Desse modo, uma obrigação, um dever de memória dos tempos em que a homofobia foi mais evidente, mas principalmente, de uma época de letalidade acentuada do HIV/Aids, aparece como a possível solução para o combate definitivo da síndrome, acionando um dos motes mais recorrentes nas coberturas jornalísticas que analisamos.

Nos textos coletados o dever de memória aparece a partir de jovens homossexuais infectados – que “não viveram os primeiros e apavorantes anos de disseminação”, nas palavras do editorial d’ O Globo, mas principalmente se evidencia pelas falas de fontes institucionalizadas, como médicos, agentes governamentais e de entidades internacionais de combate ao HIV/Aids. Trata-se, assim, de uma atitude que tem um forte componente pedagógico, de ensinar aos mais jovens, aos que não vivenciaram os horrores iniciais, ou não presenciaram a morte de artistas como Cazuzza, Renato Russo e Freddie Mercury, inclusive referências musicais para quem deveria recuperar, além das músicas, as histórias de quem pereceu vítima do HIV/Aids. Ilustrativa da atitude que mistura certo ranço moralizante e tentativa didática de dever de memória é a narrativa d’ O Globo que aqui reproduzimos somente em seu título e linha explicativa, suficientes para compreendermos o que está sendo discutido: “Essa molecada não viu a cara da Aids’ – com tratamento, cresce comportamento de risco de jovens gays” (Freire, 2011: 10). O dever de memória evidencia-

-se ainda em boa parte das narrativas que coletamos, nos três jornais, a exemplo de mais de uma narrativa em cada um deles lembrando os 30 anos de registro oficial do primeiro caso diagnosticado.

### **Agentes e personagens nas configurações narrativas**

Ao investigarmos os agentes presentes nas narrativas prestamos atenção a duas dimensões: quais foram as fontes ouvidas e como personagens são construídas nas tramas. Embora fontes e personagens tenham em comum o fato de revelarem quais são os atores sociais com os quais o jornalismo negocia os sentidos dos acontecimentos noticiados, o tratamento a ambas difere em alguns aspectos fundamentais, a começar pelo fato de as fontes serem mais frequentes do que as personagens construídas nas e pelas narrativas – inclusive porque personagens são, quase sempre, simultaneamente também fontes. Nos tópicos anteriores tivemos indícios importantes sobre as fontes ouvidas nas matérias, como por exemplo, a forte presença das institucionais, indicando um poder de agendamento delas sobre o conteúdo noticiado. Isso fica ainda mais claro quando de eventos programados por órgãos governamentais, seja ou não em datas importantes para a luta contra a Aids, como o dia 1º de dezembro, mundialmente definido para tal. Próximo a essa data o Ministério da Saúde brasileiro divulga dados consolidados do Boletim Epidemiológico relativo ao HIV/Aids, gerando pautas nos três jornais que pesquisamos. O poder de afetação do acontecimento que investigamos implica na necessidade de políticas públicas de enfrentamento e as fontes são, nesse particular, fundamentais para afirmarmos o HIV/Aids, assim como suas interconexões com a homofobia, como acontecimentos persistentes.

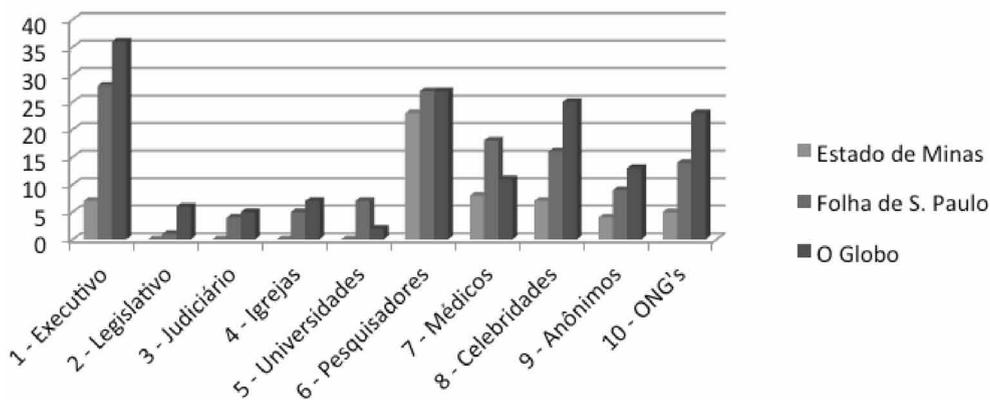
Pelo gráfico 3 nota-se que os principais agentes na cobertura do HIV/Aids/homofobia são o Poder Executivo (36 recorrências n' O Globo, 28 na Folha e 7 no EM), vindo na sequência Pesquisadores (27 recorrências n' O Globo, 27 na Folha e 23 no EM), Celebidades (25 recorrências n' O Globo, 16 na Folha e 7 no EM), ONG's (23 recorrências n' O Globo, 14 na Folha e 5 no EM), Médicos (11 recorrências n' O Globo, 18 na Folha e 8 no EM) e Anônimos (13 recorrências n' O Globo, 9 na Folha e 4 no EM), Universidades, Igrejas e os poderes Legislativo e Judiciário têm pouca importância nas discussões sobre a temática. Para além dos números são necessárias algumas considerações. O que mais se evidencia é a importância do Poder Executivo, aqui incluindo organismos internacionais de enfrentamento e combate ao HIV/Aids, pelas razões já apontadas. Pesquisadores e médicos poderiam ser incluídos em uma mesma categoria, médico-científica (à qual seria ainda possível acrescentar universidades), e apontam para um elevado grau de burocratização da cobertura, especialmente quando comparamos a presença de anônimos e ONG's, normalmente responsáveis por trazer à cobertura problemas

mais próximos de quem convive com o HIV/Aids e a homofobia. O elevado número de fontes médico-científicas aponta ainda para o papel da indústria farmacêutica e dos centros de pesquisa no agendamento da temática.

A recorrência das celebridades como fontes apresenta como curiosidade a repetição de três figuras que morreram em consequência do HIV/Aids na primeira década de aparição pública da síndrome, todas homossexuais: os cantores Cazusa e Freddie Mercury e o escritor Caio Fernando Abreu. Em relação a Cazusa e Freddie Mercury, como destacamos anteriormente, o fato de haver sociedades com seus nomes dedicadas ao acolhimento de soropositivos e/ou financiamento de pesquisas sobre o HIV/Aids explica a maioria das narrativas nas quais aparecem como personagens.

**Gráfico 3**

*Agentes presentes nas narrativas*



Fonte: Pesquisa nos jornais *Estado de Minas*, *O Globo* e *Folha de S. Paulo*, de janeiro de 2011 a janeiro de 2013

Sobre a construção de personagens pelas narrativas chama atenção o fato de elas serem acionadas, na maioria das narrativas, como exemplos de convivência com o HIV/Aids, com tratamento ambíguo entre o gesto de resistência à síndrome e o descuido que levou à contaminação. Observamos isso na matéria “Da devastação ao coquetel”, publicada pelo EM, na qual Nair Brito é apresentada como quem resolveu não somente enfrentar a doença, como ainda fundou o grupo “Cidadãs Positivas”, que exige tratamento para soropositivos. Na entrevista “Não posso dizer que minha vida é normal, eu tenho muitas limitações”, o perfil do personagem Rafael Bolacha é construído pelo O Globo a partir das suas próprias respostas, com uma breve abertura que informa que ele está publicando um *blog*, lançando um livro e que “desafia a noção de que é fácil viver com o HIV, de que se trata de uma simples doença crônica” (Jansen, 2011: 6).

O fato de termos detectado pouca importância, como fontes e/ou personagens, de ONG's e de pessoas convivendo com o HIV/Aids e/ou com a homofobia daí decorrente pareceu-nos indicar com bastante clareza que a cobertura dessas duas temáticas nem sempre tem sido priorizada em função dos problemas cotidianamente enfrentados por quem tem o desafio de enfrentar preconceitos diversos. O jornalismo, nesse particular, ao mesmo tempo em que demonstra pela sua cobertura da temática HIV/Aids e homofobia estar sujeito ao que denominamos acontecimentos persistentes, cuja natureza aponta duplamente para eventos cuja duração temporal e impactos sociais é estendida no tempo e serem portadores de um alto poder de afetarem socialmente e serem, de retorno, afetados pelo social, revela o que podemos definir como uma burocratização das suas pautas. No que diz respeito às fontes, a consequência é limitar-se àquelas de natureza mais institucionalizadas, como pesquisadores, médicos e agentes do poder executivo, nos níveis de representação nacional e internacional.

### **Considerações finais**

Do que pudemos observar neste artigo, os elementos alternativos às perspectivas dos critérios de noticiabilidade, privilegiando as noções de acontecimento e de narrativa, com os desdobramentos aqui propostos, aparecem como promissores para novas abordagens do jornalismo em suas negociações e interações com outros atores sociais. Pareceu-nos claro que a definição do que e como noticiar, ao menos no recorte da pesquisa que guiou nossas reflexões, escapa à lógica limitada e limitadora daquilo que manuais de jornalismo e teorias que tendem à repetição irrefletida de pressupostos cristalizados permite ver. Acontecimentos persistentes, cuja permanência na vida social está inscrita, como indicamos, na dialética agir-sofrer e no fato de se apresentarem problemáticos, atraem a cobertura jornalística porque exigem interpretações novas em função das variáveis que lhe são acrescidas ao longo de um percurso histórico.

Acontecimentos persistentes como o HIV/Aids e a homofobia, seja em manifestações isoladas, seja na interconexão entre si, deixam ver ainda a produção de uma série de microacontecimentos derivados. Desse modo, se falamos do HIV/Aids e da homofobia como acontecimentos persistentes, foi possível ainda notar na cobertura jornalística que os jornais Estado de Minas, O Globo e Folha de S. Paulo lhes dedicou entre janeiro de 2011 e janeiro de 2013 que a descoberta de novos dados científicos sobre possibilidades de cura, o desenvolvimento de novos medicamentos, as formas atualizadas de preconceitos, os dados epidemiológicos coletados e divulgados pelo Ministério da Saúde ou por organizações mundiais, dentre uma série de outros desdobramentos, nos diz de acontecimentos diversos que giram em torno das duas temáticas, sozinhas ou em interconexão. A noção de acontecimentos persistentes, conseqüentemente, não nos diz de eventos plasmados no tempo e no espaço, mas ao contrário, envoltos em disputas de sentidos sobre

os seus significados e impactos sociais. As disputas de sentido, e não os critérios de noticiabilidade, nos parece, são mais importantes para o desvendamento do que torna um acontecimento potencialmente noticiável.

Se tomamos as contribuições de Paul Ricoeur para uma teoria mais geral da narrativa, e particularmente para o alargamento das possibilidades teóricas e metodológicas de compreensão das narrativas jornalísticas, vimos que estas devem ser escrutinadas em função não somente dos modos como personagens são acionadas, mas também como as temporalidades são nelas inscritas e por elas alcançam possibilidades de compreensão. É assim que categorias como memória e esquecimento não podem ser negligenciadas na análise de narrativas jornalísticas, implicando a própria historicidade dos acontecimentos narrados, mas especialmente a inscrição das textualidades que jornais nos oferecem como sujeitas a transformações em função de percursos ao longo do tempo. Ler narrativas jornalísticas exige, como corolário, tentar desvendar como sua produção sofre deslocamentos cujas características apontam para uma dialética rica em potenciais heurísticos, qual seja, sua percepção em função dos modos de entrelaçamento com os acontecimentos narrados.

Carlos Alberto de Carvalho  
Professor da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).  
caco5@uol.com.br

Recebido em fevereiro de 2014.

Aceito em março de 2014.

### **Nota**

1. O texto apresenta resultados de pesquisa financiada pela Fapemig e pelo CNPq.

### **Referências bibliográficas**

- BERGAMO, Mônica. Cazuzu Mercury. In: *Folha de S. Paulo*, p. E2. 24/08/2011.
- BLOUIN, C. B., et al.. *Aids, informação e prevenção: imprensa e medicina em busca de respostas*. São Paulo: Summus Editorial, 1987.
- BORILLO, D. *Homofobia*. Barcelona: Belaterra, 2001.
- CAMARGO JR., Kenneth Rochel de. *As ciências da Aids e a Aids das ciências: o discurso médico e a construção da Aids*. Rio de Janeiro: Relume-Dumarã: ABIA: IMS, UERJ, 1994.
- CARVALHO, Carlos Alberto de. *Visibilidades mediadas nas narrativas jornalísticas: a cobertura da Aids pela Folha de S. Paulo de 1983 a 1987*. São Paulo: Editora Annablume, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Jornalismo, homofobia e relações de gênero*. Curitiba: Editora Appris, 2012.
- \_\_\_\_\_. e BRUCK, Mozahir Salomão. *Jornalismo: cenários encenações*. São Paulo: Intermeios, 2012.
- \_\_\_\_\_. e LAGE, Leandro Rodrigues. *As relações entre jornalismo e temporalidade para além da urgência implicada na factualidade*. Texto apresentado no XI Congresso Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación, Montevideo, maio de 2012.
- ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

- FOLHA DE S. PAULO. Aids dispara entre gays no Oriente Médio. In: *Folha de S. Paulo*, p. C6. 08/08/2011.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade 1 – a vontade de saber*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- \_\_\_\_\_. *História da sexualidade 2 – o uso dos prazeres*. 12ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.
- \_\_\_\_\_. *História da Sexualidade 3 – o cuidado de si*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005.
- FREIRE, Flávio. Essa molecada não viu a cara da Aids. In: *O Globo*, p. 10. 30/11/2011.
- GENRO FILHO, Adelmo. *O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo*. Porto Alegre: Tchê!, 1987.
- JANSEN, Roberta. Não posso dizer que minha vida é normal, eu tenho muitas limitações. In: *O Globo*, 2011, p. 6, Opinião. 30/11/2011.
- KIEFER, Sandra. Da devastação ao coquetel. In: *Estado de Minas*, p. 19. 01/09/2011.
- LEAL, Bruno Souza e CARVALHO, Carlos Alberto de. *Jornalismo e homofobia no Brasil: mapeamentos e reflexões*. São Paulo: Intermeios, 2012.
- MÍDIA E HOMOFOBIA. Relatório de pesquisa. Universidade Federal de Minas Gerais/Ministério da Saúde/Escritório das Nações Unidas contra Drogas e Crime: Belo Horizonte/Brasília, 2008.
- MELO, Max Milliano. Mais perto da erradicação da Aids. In: *Estado de Minas*, p. 28, Gerais/Saúde. 21/11/2012.
- O GLOBO. Controle da Aids deve ser permanente. In: *O Globo*, 2011, p. 6, Opinião. 30/11/2011.
- \_\_\_\_\_. Boas e más notícias no controle da Aids. In: *O Globo*, 2012, p. 14, Opinião. 11/08/2012.
- PÉREZ, Fernando Villaamil. *Homofobia/heteronormatividade e inequidad social como factores estructurales de riesgo. Violencias y prácticas de riesgo frente al vih entre homosexuales*. Disponível em <http://www.creacionpositiva.net/pdfs/PonenciaFernandoVillaamil.pdf>, consultado no dia 6 de março de 2010, às 19h12.
- QUÉRÉ, Louis. Entre o facto e sentido: a dualidade do acontecimento. *Trajectos – revista de comunicação, cultura e educação*, n. 6, 59-75. 2005.
- RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa – Tomo I*. Campinas: Papirus, 1994.
- \_\_\_\_\_. *Tempo e narrativa – Tomo II*. Campinas: Papirus, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Tempo e narrativa – Tomo III*. Campinas: Papirus, 1997.
- \_\_\_\_\_. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.
- SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Força no bigode. In: *O Globo*, p. 5, Segundo Caderno. 04/09/2011.
- SONTAG, Susan. *Aids e suas metáforas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- SOUSA, Jorge Pedro. *As notícias e os seus efeitos: as “teorias” do jornalismo e dos efeitos sociais dos media jornalísticos*. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 1999. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/sousa-pedro-jorge-noticias-efeitos.html>.
- \_\_\_\_\_. *Por que as notícias são como são?* Biblioteca On-Line de Ciências da Comunicação. <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-construindo-teoria-da-noticia.pdf>, 2002.
- WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

## **Resumo**

Insistir nos critérios de noticiabilidade como capazes de explicar as razões de certos acontecimentos transformarem-se em notícias parece-nos limitador. Alternativamente, temos buscado compreender que acontecimentos são noticiáveis quando reúnem algumas condições sociais e históricas, o que nos tem permitido abrir perspectivas mais abrangentes sobre os modos como o jornalismo negocia sentidos com outros atores sociais. A partir dessa abordagem importam questões como as fontes acionadas, as articulações em torno das noções de narrativa, o imbricamento da memória nos textos jornalísticos, dentre outras variáveis negligenciadas quando do foco prioritário nos critérios de noticiabilidade. O artigo trabalha com narrativas sobre as interconexões entre HIV/Aids e homofobia em três jornais impressos: Estado de Minas, O Globo e Folha de S. Paulo, coletadas entre janeiro de 2011 e janeiro de 2013.

## **Palavras-chave**

Jornalismo. Acontecimento. Narrativa. HIV/Aids. Homofobia.

## **Abstract**

To insist on the criteria of noticiability as capable of explaining the reasons for certain happenings turn into news seems to us limiting. Alternatively, we have sought to understand that happenings are newsworthy when gather some social and historical conditions, which has enabled us to open broader perspectives on the ways in which journalism negotiates meanings with other social actors. As from that approach are important questions like fonts heard in the production of news, the articulations around the notions of narrative, the imbrications of memory in journalistic texts, among other neglected variables when the priority focus in the criteria of noticiability. The article works with narratives on the interconnections between HIV/AIDS and homophobia in three newspapers: Estado de Minas, O Globo and Folha de S.Paulo, collected between January 2011 and January 2013.

## **Keywords**

Journalism. Happenings. Narrative. HIV/AIDS. Homophobia.